

Resenha

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2026.v32.50776>

Um magistrado português em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII: a trajetória de Cypriano Joseph da Rocha na “Idade do Ouro”

A portuguese magistrate in Minas Gerais in the first half of the eighteenth century: the trajectory of Cypriano Joseph da Rocha in the “Age of Gold”

Un magistrado portugués en Minas Gerais en la primera mitad del siglo XVIII: la trayectoria de Cypriano Joseph da Rocha en la “Edad del Oro”

André Figueiredo Rodrigues*

<https://orcid.org/0000-0001-9286-089X>

Resenha do livro: Guimarães, António Andresen. *Cypriano Joseph da Rocha: relato de uma vida entre Portugal e o Brasil na ‘Idade do Ouro’*. Campinas, SP: Krauss Editora, 2024.

Como citar esta resenha:

Rodrigues, André Figueiredo. “Resenha do livro: *Cypriano Joseph da Rocha: relato de uma vida entre Portugal e o Brasil na ‘Idade do Ouro’*, de António Andresen Guimarães”. *Locus: Revista de História*. n. 32, n. 1 (2026): 301-306.

* Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de Assis. Pesquisador do CNPq. Dedicar-se ao estudo da história de Minas Gerais no século XVIII, com destaque para a Inconfidência Mineira. Seus trabalhos mais recentes são: *A Independência dos Estados Unidos e a Conjuração Mineira: aspirações políticas e libertárias nas Minas Gerais do final do século XVIII*. São Paulo: FFLCH/USP, 2025; “Universo relacional e práticas comerciais de Joaquim Silvério dos Reis no arraial do Tejuco (Minas Gerais, 1777-1782)”. Em *Agentes, poder e territórios nos mundos coloniais (séculos XVI ao XIX)*, org. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, André Figueiredo Rodrigues e Renato da Silva Dias, 155-192. São Paulo: FFLCH/USP, 2025. DOI: 10.11606/9788575065297; “De traidores a patriotas: um ensaio sobre discursos e comportamentos políticos no processo de independência (1789-1823)”. *História (São Paulo)*, v. 42, 1-21, 2023. DOI: 10.1590/1980-4369e2023015 [em autoria com Luciano Figueiredo]. E-mail: andre.f.rodrigues@unesp.br.

O poeta argentino Jorge Luis Borges, um dos nomes mais marcantes da literatura latino-americana, afirmou que “todo homem é dois homens, e o mais verdadeiro é sempre o outro”¹. Essa reflexão se aplica com bastante precisão à tarefa complexa e desafiadora de escrever uma biografia, ainda mais quando o biografado não faz parte do grupo de personagens consagrados pelas narrativas históricas tradicionais. Ainda assim, a escrita biográfica também traz questões metodológicas amplamente discutidas pela historiografia contemporânea. Pierre Bourdieu, por exemplo, ao refletir sobre a chamada “ilusão biográfica”, alertava para os riscos de construir, de maneira retrospectiva, trajetórias excessivamente coerentes e lineares, atribuindo unidade e um sentido contínuo a experiências humanas marcadas por descontinuidades, ambiguidades e contingências (Bourdieu 1996, 183-191). Essa discussão é essencialmente pertinente para analisar a obra do português António Andresen Guimarães, autor sem formação acadêmica específica na área da História e descendente direto de Cypriano Joseph da Rocha, personagem retratado no livro resenhado aqui. Essa condição dá à obra uma perspectiva ao mesmo tempo pessoal, memorialista e documental.

Superar os obstáculos que, à primeira vista, parecem diminuir as qualidades de alguém e questionar a legitimidade de sua imortalização histórica é um dos principais desafios de quem se dedica à escrita biográfica. “Encontrar uma agulha no palheiro”, como diz o provérbio popular, traduz bem o trabalho árduo dos pesquisadores que investigam vidas pouco conhecidas, tentando desvendar os mistérios e as nuances de suas trajetórias.

Contudo, esses desafios vão além de apenas contar acontecimentos do passado. Eles exigem uma imersão profunda no contexto histórico e uma análise minuciosa da experiência humana, tanto em sua dimensão pública quanto privada, levando em conta processos mentais e comportamentos bem específicos. É justamente a partir dessas particularidades que António Andresen Guimarães constrói sua obra sobre Cypriano Joseph da Rocha. No livro *Cypriano Joseph da Rocha: relato de uma vida entre Portugal e o Brasil na “Idade do Ouro”*, o autor retoma a trajetória desse português nas Minas Gerais da primeira metade do século XVIII, apresentando um personagem cuja vida se conecta às complexidades do período e também à própria ideia de identidade histórica.

A obra se apoia ainda em uma familiaridade prévia com a trajetória de Cypriano Joseph da Rocha e com a dinâmica administrativa e territorial das Minas Gerais no século XVIII. Trata-se de um personagem que, embora tenha sido relativamente esquecido pela historiografia, não passou despercebido em seu tempo. Pelo contrário, ele teve um papel importante na consolidação da

¹ A referência à frase de Jorge Luis Borges consta em trecho extraído da entrevista de Elías Thomé Saliba ao Instituto Humanitas Unisinos (IHU On-Line) acerca da obra de Daniel Aarão Reis sobre Luiz Carlos Prestes (Santos, 2015).

presença régia e na conformação institucional de regiões que, mais tarde, ajudariam a estruturar o atual sul de Minas Gerais. Sua atuação como magistrado experiente, com passagem anterior por diferentes jurisdições do Império português antes de sua nomeação para a comarca do Rio das Mortes, em Minas Gerais, o coloca dentro de processos mais amplos de organização territorial e de fortalecimento da autoridade metropolitana no interior da América portuguesa.

O livro, construído a partir da perspectiva pessoal de seu autor, resgata a figura de um personagem pouco explorado pela historiografia colonial mineira. Antes mesmo de chegar à América portuguesa, Cypriano Joseph da Rocha já tinha uma carreira administrativa bem consolidada em Portugal. Natural de Barral, que fazia parte da freguesia de São João de Vila Chã, no concelho de Ponte da Barca, região do Alto Minho, Cypriano nasceu em 1685. Era filho do padre Manuel Antunes da Rocha, também natural de Barral e senhor da Quinta da Rocha. Manuel, mais tarde, viria a ser reitor do Mosteiro de Sande, no concelho de Guimarães. Já sobre sua mãe, Serafina Francisca de Araújo, pouco se sabe além do nome. Legitimado por Carta de Legitimação, de 10 de maio de 1707, Cypriano casou-se no mesmo ano, em 14 de janeiro, com Maria Luísa Cerqueira de Araújo. Ela era filha do falecido doutor Félix Cerqueira de Araújo, ex-ouvidor da vila de Barcelos (Guimarães 2024, 35-37).

Antes de se estabelecer em Minas Gerais, Cypriano Joseph da Rocha exerceu diferentes funções administrativas nos quadros da magistratura régia, tanto em Portugal quanto na América portuguesa. Ele chegou ao Brasil em 17 de julho de 1728, acompanhado de seus dois filhos, Diogo e Tomás, com quinze e onze anos, respectivamente. Pouco depois, exerceu o cargo de juiz dos órfãos em Salvador, na capitania da Bahia, por mercê de dom João V, entre 1728 e 1732 (Guimarães 2024, 67-109). Em seguida, foi nomeado ouvidor-geral em Cachoeira, na capitania de Sergipe del-Rei, de 1732 a 1733 (Guimarães 2024, 111-120), até assumir o posto de ouvidor da comarca do Rio das Mortes.

Ao investigar o passado da capitania mineira no século XVIII, o nome de Cypriano Joseph da Rocha aparece entre os ouvidores enviados por Portugal para exercer a administração judicial da comarca do Rio das Mortes, cuja sede ficava em São João del-Rei. Ali permaneceu por quase oito anos, entre 1733 e 1741, acumulando as funções de ouvidor-geral, provedor das fazendas dos defuntos e ausentes e provedor das capelas e resíduos (Guimarães 2024, 121-143).

Durante sua atuação em território mineiro, Cypriano Joseph da Rocha também foi responsável pela fundação do arraial de São Cipriano, em outubro de 1737, que corresponde à atual cidade de Campanha. A partir desse núcleo, o entorno foi colonizado, e a incorporação da região ajudou na anexação da porção sul do território à capitania de Minas Gerais (Guimarães 2024, 206-

221). A documentação reunida por Antônio Andresen Guimarães ainda revela aspectos do cotidiano desse magistrado no Brasil, tanto em Minas Gerais quanto em outras capitanias.

Depois de se estabelecer em Minas Gerais, no auge da “Idade do Ouro”, Cypriano Joseph da Rocha participou do movimento de expansão territorial e administrativa em direção ao sul da capitania. Com o intensivo momento da exploração aurífera, ele entrou no território mineiro em busca de novos descobertos minerais e acabou encontrando as minas do Rio Verde. Sua atuação contribuiu decisivamente para ampliar o alcance do governo metropolitano em áreas que, até então, eram pouco integradas à administração colonial, especialmente nas regiões além dos rios Baependi, Lambari e Sapucaí.

Assim como o protagonista, muitos portugueses deixaram o reino em busca de melhores oportunidades nos territórios coloniais do vasto Império ultramarino, como o Brasil, a África e a Ásia. Entre esses imigrantes estava Cypriano Joseph da Rocha, que deixou um conjunto de cartas pessoais fundamentais para reconstruir sua trajetória. A partir dessa documentação epistolar, Antônio Andresen Guimarães pôde contar uma parte importante da vida de seu antepassado no ultramar, revelando suas aventuras e desventuras, além dos triunfos e reveses do dia a dia. Aliás, seria interessante que a obra detalhasse melhor a origem desse conjunto documental, informando onde as cartas foram guardadas, em que circunstâncias foram localizadas e se existe, eventualmente, a possibilidade de consulta pública. Este último dado é especialmente relevante para pesquisadores interessados no tema. Ao longo dos nove capítulos, o autor não analisa apenas os fatos registrados, mas também as possíveis formas de pensar e sentir do biografado, construindo um retrato sensível e multifacetado.

O texto traz informações que vão além do campo político e administrativo e do cotidiano dos juristas lusitanos na América portuguesa. O leitor encontra, por exemplo, episódios da vida privada de Cypriano Joseph da Rocha: as enfermidades que enfrentou e os tratamentos recebidos dos “santos pretos”, aplicados por curadores e boticários locais (Guimarães 2024, 225-228); a notícia do casamento de sua filha Potenciana (Guimarães 2024, 236-241); e o batizado de Teresa da Silva, filha de Manuel da Silva Vila Frias e Joana Francisca Tavares, de quem foi padrinho em 4 de maio de 1740 (Guimarães 2024, 241-242). Esses relatos cotidianos enriquecem a narrativa, porque dão ao biografado uma dimensão mais humana.

Também é interessante perceber que, em várias passagens de suas cartas, aparece um sentimento comum a muitos portugueses que se estabeleceram na América portuguesa: a vontade de voltar ao reino e reencontrar a família. No caso de Cypriano Joseph da Rocha, essa esperança se volta para a esposa e para as filhas, Potenciana e Bernarda. Em seus escritos, ele descreve as

dificuldades da vida no ultramar, os problemas de saúde, o processo de adaptação ao clima tropical, os desafios profissionais e os encontros com pessoas e culturas diferentes. A correspondência ainda registra as rotas terrestres e fluviais, a diversidade da fauna, as pessoas de “cores” variadas, referindo-se aos escravizados, e a grande variedade de alimentos que chegavam às mesas coloniais.

As descrições feitas por António Andresen Guimarães ajudam a entender, com muitos detalhes, como era o viver em colônia durante a primeira metade do século XVIII. Seus registros têm um valor interpretativo importante e trazem indícios daquele “outro” homem mencionado por Jorge Luis Borges: aquele que raramente um biógrafo consegue alcançar. No caso de Andresen, ele se aproxima de maneira notável desse “mais verdadeiro” Cypriano Joseph da Rocha, que está por trás dos documentos, das funções e dos registros oficiais.

Ainda assim, a obra apresenta algumas limitações que merecem uma análise crítica. Embora o autor tenha realizado um trabalho consistente ao dialogar com a documentação que reuniu, falta uma discussão mais aprofundada com a historiografia especializada em administração colonial, circulação de magistrados e formação territorial das Minas Gerais no século XVIII. Em alguns momentos, a narrativa fica bastante elogiosa em relação ao biografado. Isso é compreensível, já que autor e personagem têm uma relação familiar, mas, em certas passagens, acaba diminuindo a análise crítica que se espera em trabalhos como este. Seria interessante criar um diálogo entre estudos clássicos e pesquisas mais recentes sobre a expansão da autoridade régia no interior da América portuguesa. Dessa maneira, daria para inserir a trajetória de Cypriano Joseph da Rocha em debates historiográficos mais amplos.

Apesar dessas ressalvas, o livro tem muitos méritos. Ao reunir documentos dispersos, recuperar experiências individuais e destacar aspectos pouco explorados da administração colonial portuguesa, António Andresen Guimarães oferece uma contribuição importante para os estudos sobre as Minas Gerais no século XVIII e sobre os agentes responsáveis pela consolidação territorial da América portuguesa. Sua obra mostra como trajetórias individuais podem servir como ponto de partida para entender processos históricos mais amplos, incluindo a circulação de magistrados, a expansão administrativa e a formação territorial no contexto do Império ultramarino português.

Referências:

Bourdieu, Pierre. “A ilusão biográfica”. Em *Usos e abusos da história oral*, org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 183-191, Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Guimarães, António Andresen. *Cypriano Joseph da Rocha: relato de uma vida entre Portugal e o Brasil na Idade do Ouro*. Campinas, SP: Krauss Editora, 2024.

Santos, João Vitor. “Um Luís Carlos Prestes com mais cara de personagem da história do que mito. Entrevista especial com Elias Thomé Saliba”. *IHU On-line*, São Leopoldo, RS, 15 jan. 2015. <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/538972-um-luis-carlos-prestes-com-mais-cara-de-personagem-da-historia-do-que-mito-entrevista-especial-com-elias-thome-saliba>.

Recebido: 07 de novembro de 2025

Aprovado: 06 de maio de 2026